# CONDIÇÃO DE POBRESA DOS JOVENS BRASILEIROS E SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Vagner Przybysewski (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Augusta Pelinski Raiher (Orientadora), e-mail: apelinski@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Economia.

**Economia e Desenvolvimento. 6.03.09.02-4 Economia regional**

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho, Jovens, Pobreza.

## Resumo

Este trabalho objetiva analisar o mercado de trabalho dos jovens brasileiros inseridos na condição de pobreza em 2001 e em 2014. Existe uma grande dificuldade na inserção dos jovens pobres brasileiros no mercado de trabalho, principalmente nos segmentos dos jovens não homens e não brancos. Dificuldades essas que são fundamentadas na precoce inserção no mercado, com baixa escolaridade e experiência profissional. Observando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 e 2014, se constata uma queda dos jovens pobres Economicamente Ativos (EA). E mesmo com um pequeno aumento na escolaridade média e na inserção no mercado de trabalho formal, a desigualdade entre essa parcela da população com as demais ainda é expressiva.

## Introdução

A população jovem brasileira vem ganhando importância no contexto das políticas sociais das últimas décadas, especialmente pela sua dificuldade de se inserir no mercado de trabalho. Ademais, constitui a parcela mais pobre da população, segundo vários estudos na área, se apresentando vulnerável e com maiores dificuldades em se adaptar aos constantes desdobramentos socioeconômicos do Brasil.

Segundo Andrade (2008) a inserção dos jovens no mercado de trabalho é um símbolo de ingresso na sua vida adulta. E esses jovens tem cada vez mais dificuldades e maior instabilidade nessa inserção. Para Cunha, Araújo e Lima (2011), os principais fatores que determinam a inserção dos jovens no mercado de trabalho são a sua faixa etária, o nível de escolaridade e a sua experiência profissional. E quanto menor forem esses fatores, maior serão as dificuldades na inserção desses jovens no mercado de trabalho e menor será a estabilidade nos empregos adquiridos

Outro ponto importante a destacar refere-se à necessidade dessa parcela da população em conciliar a sua atividade laboral e os seus estudos, prejudicando muito o seu desempenho escolar. Para Pochmann (2007), os jovens em situação de pobreza no Brasil, se encontram em uma situação muito precária, devido principalmente aos baixos níveis de escolaridade e as altas taxas de violência.

Na década de 2000, políticas mais específicas foram conduzidas tentando minimizar os problemas de inserção desse grupo no mercado de trabalho brasileiro. Tendo isso em vista, esse trabalho analisou o mercado de trabalho dos jovens inseridos na condição de pobreza, ressaltando que como pobre considerou todos os que ganhavam até ½ (meio) salário mínimo per capita (nos anos de 2001 e 2014). O foco

se deu no mercado de trabalho tendo em vista que essa inserção constitui um dos principais desafios das políticas públicas voltadas para a população mais jovem do Brasil. De forma mais específica, buscou mensurar o percentual de jovens inseridos na condição de pobreza que estavam no mercado de trabalho formal e informal, segundo raça, escolaridade e região, analisando as alterações que ocorreram entre 2001 e 2014.

**Materiais e Métodos**

Os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para 2001 e 2014. Destaca-se que foram utilizados apenas os dados referentes as Pessoas e não os de Domicílios.
Separou-se os dados entre jovens (população entre 15 e 29 anos), do meio urbano, que são Economicamente Ativos (EA) e que estão na condição de pobreza (até meio salário mínimo per capita), analisando sua inserção no mercado de trabalho formal e informal em 2001 e 2014, identificando as diferenças entre raça, escolaridade e região.
Na análise exploratória dos dados utilizou-se a estatística descritiva, em que, devido a grande quantidade de informações da amostra, organizou-as no Excel, criando *dummies* para separar os jovens empregados no mercado formal e informal, separando também por regiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), e atribuindo pesos as suas respectivas amostras. Por tanto, utilizou a expansão da amostra da Pnad.

**Resultados e Discussão**

Segundo à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001, a Taxa de Atividade entre os jovens brasileiros era de 63%, ou seja, de todos os jovens entre 15 a 29 anos de idade, 63% estavam disponíveis (inseridos ou não) no mercado de trabalho. Já na PNAD de 2014, essa Taxa de Atividade aumentou para 64%. Esse pequeno crescimento não correspondeu a elevação que se teve quando se considera a população total brasileira, a qual em 2001 correspondia a 49%, subindo para 53% em 2014.
O crescimento não tão intenso da população economicamente ativa (PEA) juvenil pode ser consequência do próprio incremento demográfico dessa parcela da população, que foi inferior quando comparado ao total da população brasileira nesse período. Mas também pode representar um aumento nas dificuldades dos jovens mais pobres na inserção no mercado de trabalho, oriundos no aumento da taxa de violência e do baixo grau de escolaridade que ainda persiste nesse segmento da sociedade.
E dentre o universo dos jovens, o segmento que se enquadra na condição de pobreza apresentou uma particularidade, com um decréscimo da PEA. Conforme dados da tabela 1, observa-se uma queda no percentual dos jovens pobres que são economicamente ativos, caindo de 50% para 45%. Tal fato pode decorrer das próprias políticas sociais que foram implantadas e, de certa maneira, influenciaram esse resultado. Um exemplo disso pode ser o Programa Bolsa Família, Programa Universidade para todos (PROUNI), Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVENS), etc.
Porém também pode representar um aumento nas dificuldades dos jovens pobres na inserção no mercado de trabalho, problemas esses que podem decorrer

principalmente de uma precoce inserção no mercado de trabalho acarretando em baixo nível de escolaridade, ou também pela baixa experiência profissional e pela grande rotatividade que esses jovens enfrentam.

**Tabela 1: Jovens e população total Economicamente Ativos, urbanos (EA) – Brasil – 2001 e 2014**

| | Anos | |
|---|---|---|
| | 2001 | 2014 |
| Percentual de jovens, EA, até meio salário mínimo *per capita* | 50 | 45 |
| Percentual de jovens economicamente ativos | 63 | 64 |
| Percentual da população total economicamente ativa | 49 | 53 |

Fonte: Resultado da Pesquisa

Dentre aqueles jovens que se autodeclararam como economicamente ativo, elevou-se sua inserção no mercado de trabalho formal, que em 2001 era de 16,34% e aumentou para 21,65% em 2014. Os jovens do sexo masculino apresentaram uma maior expansão em relação aos jovens do sexo feminino. Isso pode representar uma dificuldade social e cultural que as mulheres jovens enfrentam para se inserir no mercado de trabalho brasileiro.

**Tabela 2: Jovens economicamente ativos (EA), com até meio salário mínimo *per capita*, no Mercado formal/informal, por escolaridade e raça – Brasil – 2001 e 2014**

| Gênero | Raça | Escolaridade média – Mercado formal | | Escolaridade média – Mercado informal | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | 2001 | 2014 | 2001 | 2014 |
| Jovem-EA Homem | Branco | 8,06 | 10,09 | 7,18 | 9,04 |
| | Parda | 7,45 | 9,53 | 6,37 | 8,58 |
| | Preto | 7,39 | 9,20 | 6,40 | 8,39 |
| | Amarelo | 6,00 | 12,0 | 7,36 | 6,86 |
| | Outro | 6,80 | 9,22 | 4,90 | 7,78 |
| | Media | 7,14 | 10,01 | 6,44 | 8,13 |
| Jovem-EA Mulher | Branco | 9,46 | 11,14 | 8,13 | 10,12 |
| | Parda | 8,75 | 10,69 | 7,25 | 9,79 |
| | Preto | 8,23 | 11,32 | 7,25 | 9,79 |
| | Amarelo | 8,00 | 0,0 | 6,18 | 10,50 |
| | Outro | 0,0 | 7,0 | 7,10 | 9,72 |
| | Média | 8,61 | 10,04 | 7,18 | 9,98 |

Fonte: Resultado da Pesquisa

É importante ressaltar que todos os jovens economicamente ativos, que estão na condição de pobreza, de todas as raças, conseguiram se inserir mais fortemente no mercado de trabalho formal. Porém, ainda existe uma discrepância nesta inserção conforme a raça e a região, a qual é intensificada dependendo do sexo. De forma especifica, os que mais conseguiram adentrar no mercado formal foram os homens de cor branca, com 30,14% em 2014; para as mulheres, também se teve um cenário mais favorável para as de cor branca, evidenciando a desigualdade que ainda persiste mesmo dentre todos os que estão na condição de pobreza.
Analisando a escolaridade dos jovens economicamente ativos, pobres, observa-se, na tabela 2, que a maior escolaridade média foi obtida pelas mulheres no mercado

formal, no ano de 2014, sendo de 10,4 anos, a qual é inferior aos 12 (doze) anos mínimos necessários para a conclusão do ensino médio no Brasil. Mesmo com um avanço observado na década de 2000, fruto de oportunidades proporcionadas por alguns programas adotados pelo Poder Público, alguns movimentos sociais, partidos políticos, e algumas Organizações Não Governamentais (ONGS), ainda se tem heterogeneidade na formação do capital humano entre esse segmento populacional.
Ressalta-se que, conforme argumentado por Pochmann (2007), esse aumento da escolaridade média dos jovens entre 2001 e 2014 não significa um adiamento ou um melhor preparo para a inserção no mercado de trabalho, e sim uma ampliação da "simultaneidade de escola e trabalho", resultando numa maior instabilidade desses jovens no mercado.
Também se observa uma maior escolaridade média das mulheres em relação aos homens em todos os segmentos. No entanto, isso não significa uma melhor colocação dessas no mercado de trabalho, devido a desigualdade que existe entre homens e mulheres ao longo do contexto econômico e social cultural e que ainda insistem em persistir nos tempos atuais.

**Conclusões**

Vem sendo reconhecido nas últimas décadas os grandes gargalos socioeconômicos e culturais que os jovens mais vulneráveis economicamente estão submetidos, gargalos estes que são observados principalmente na baixa qualificação educacional, baixa experiência e nos altos índices de violência.
Mesmo observando uma pequena melhora no percentual referente a inserção no mercado de trabalho formal e um pequeno aumento na escolaridade média dessa parcela da população, do ano de 2001 para o ano de 2014, ainda está longe de ser o ideal, com a escolaridade média não atingindo nem o nível do ensino médio completo.
Mesmo percebendo algumas medidas por parte do estado, por meio de políticas públicas, se constata certa ineficiência das mesmas em alcançar os seus objetivos, apresentando resultados abaixo do esperado. Deve-se concentrar mais nessa parcela da população, planejar melhor as suas políticas para melhorar a qualidade educacional e aumentar a permanência dos jovens nas instituições de ensino.
Portanto, é necessário um olhar mais acurado para o segmento jovem brasileiro, em especial, o pobre, com um cuidado maior para os que se localização na região Norte/Nordeste, além de se promover politicas inclusivas para as jovens, e para os de cor/raça não branco.

**Agradecimentos**
Agradeço a Fundação Araucária pelo apoio e a professora Augusta pela ajuda.

**Referências**

ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e Trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. In: **Ipea, mercado de trabalho**, nov. 2008.
CUNHA, D. A. ARAÚJO, A. A. LIMA, J. E. Determinantes do desemprego e inatividade de jovens no Brasil metropolitano. In: **Revista de economia e agronegócio**, Vol. 9, Nº 3. p. 369-391.
POCHMANN, Marcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho do Brasil: um balanço dos últimos 10 anos.** São Paulo, 2007.